

Editorial

Diversidades Culturais. Uma abordagem holística.

CARLOS CARDOSO

cmncardoso@hotmail.com

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

LUÍS SOUTA

luis.souta@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Dedicar um número temático da revista Medi@ções à questão da diversidade cultural, entendida em sentido holístico, justifica-se pelos sinais do tempo em que vivemos. Um tempo único, em que se assiste a um número sem precedentes de refugiados – 65,6 milhões, ou seja, uma em cada 113 pessoas está deslocada, refugiada ou é candidata a asilo (Relatório do ACNUR 2016). Estas populações,

percecionadas como «indesejáveis»¹ (à Europa chegaram, em 2015, mais de um milhão), têm vindo a gerar preocupantes reacções de fechamento cultural, nacionalismo exacerbado, xenofobia e racismo. Emergem os populismos políticos em torno da (falsa) ideia de “ca-

¹ “Os indesejáveis: o refúgio interdito numa anti-Europa”, exposição fotográfica de Bruno Simões Castanheira, inaugurada em 7 de Junho de 2017, na Fundação José Saramago, em Lisboa.

tástrófes” identitárias, agitando perigos (imaginários) para a segurança interna face aos “riscos e ameaças” vindos do exterior e acabam pugnando por sociedades imunitárias de democracia musculada e excludente.

Os professores, por sua vez, sentem fugir-lhes a base (ideológica) de sustentação quando ouvem altos responsáveis europeus anunciarem a «morte do multiculturalismo». Em Portugal, apesar de proliferarem os “referenciais» no âmbito da Educação para a Cidadania (rodoviária, media, financeira, segurança, defesa e paz, desenvolvimento, saúde...), a educação inter/multicultural aparece diluída nas apologias didácticas da transversalidade. Talvez a (sem) razão continue na esfera demográfica (intra-muros): o número da população estrangeira residente é relativamente baixa – 388.731 – e tem vindo a diminuir (Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2015). E apesar da mobilidade, pois Portugal é o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes – 2,3 milhões de portugueses vivem no estrangeiro (Relatório do Observatório da Emigração).

A par da actual necessidade de políticas para a igualdade mais claras e determinadas, os sistemas educativos e a formação de professores, estamos em crer, necessitam de uma viragem no sentido mais do

“global” que do “local”. Viragem necessária para promover novos sentidos de identidade e cidadania apoiados no conhecimento e aproximação de pessoas, povos e culturas. A apreensão crítica da globalização e das condições da diversidade humana, exige que a formação proporcione aos professores, nomeadamente, (1) perspectivas globais e sentido crítico, face ao mundo em que vivemos e aos acontecimentos e transformações que colocam as pessoas e as nações em posições cada vez mais desiguais; (2) perspectivas integradas de saberes e competências para a gestão do currículo no sentido de conceber cada tema enquanto totalidade feita de interdependências e de relações entre factos e realidades – sociais, culturais, étnicas – em diferentes contextos: local, nacional, europeu e global.

Este dossiê sobre diversidades, apresenta reflexões críticas, trabalhos de análise comparativa e resultados de estudos empíricos. Todos os textos têm como objecto e referência a diversidade no espaço da sociedade portuguesa. Alguns alargam o seu âmbito a um quadro de fundo mais amplo, abrangendo análises comparativas (USA, Reino Unido) e mudanças políticas e sociais sobre diversidades, no ocidente com impacto nas condições de vida da diversidade étnica, cultural

e social de grupos e comunidades. O dossiê contribui para dar visibilidade a trabalhos que têm vindo a ser realizados por professores e investigadores e sublinhar a necessidade de fortalecer políticas e práticas convictas em defesa da diversidade humana e da promoção da igualdade. Esta tarefa é tanto mais premente e inadiável quanto se têm tornado cada vez mais dramáticas as condições de diversos grupos e comunidades no mundo em que hoje vivemos.

Carlos Cardoso sublinha a crise dos direitos humanos na sociedade de hoje, refere o recrudescimento de antagonismo culturais, descreve a difícil situação das minorias e imigrantes nas sociedades ocidentais, traça os percursos das políticas multiculturais liberais e, naquele contexto, conclui que as respostas políticas chegaram a impasses quando não, mesmo, a claros recuos e ocultações. Reconhece a necessidade de reconfigurar e relançar novos compromissos institucionais para a inclusão cultural, étnica e racial e, para isso, sublinha a importância de contributos convergentes da investigação, dos media e da educação.

John Naysmith estabelece paralelismos, embora em tempos diferen-

tes, entre Portugal e o Reino Unido no que se refere à imigração das ex-colónias e da Europa, sublinha a conseqüente diversidade linguística e sugere procedimentos de política educativa para responder a esta diversidade.

Feytor Pinto sistematiza o itinerário, desde o fim do século XX, na abertura do sistema educativo às necessidades da diversidade linguística. Para além do inglês, do francês e do alemão, o sistema acolheu o ensino do espanhol seguido da língua gestual portuguesa (LGP) e do mirandês e, mais recentemente, do mandarim. Nota contudo que a oferta destas línguas não se enquadra numa política de educação linguística consistente.

Ricardo Vieira & Ana Vieira clarificam elementos estruturantes do discurso da mediação, enfatizam o conceito de multiparcialidade como forma de conciliar a empatia com as partes, e, em vez do conceito de tolerância, propõem o de respeito como pilar da convivência na diversidade. Sublinham a transversalidade e abrangência (familiar, comunitária, pessoal, laboral, escolar...) da mediação intercultural sem as amarras do culturalismo.

Don Davies alerta para os perigos que correm a democracia e o multiculturalismo nos USA após a eleição de Trump e aponta a escola pública como lugar de oposição, resistência e continuidade de práticas democráticas.

Maria Hortas apresenta o processo e os resultados de uma investigação sobre os contributos da escola, alunos e famílias na construção do diálogo intercultural. As conclusões apontam divergências nas perspetivas e estratégias integradoras e formativas e sugerem algumas orientações de políticas de escola que promovam a educação intercultural.

Luísa Carvalho foca-se num estudo sobre crenças de mães cabo-verdianas de crianças do 1.º Ciclo, acerca da socialização étnica e educação dos filhos. Nas conclusões apresenta e discute especificidades do processo de socialização das crianças de origem africana a residir em Portugal.

Fernanda Henriques desenvolve uma reflexão filosófica sobre as

Mulheres e a guerra, coloca um conjunto de interrogações atravessando diferentes tempos e contextos de guerra no sentido de definir alguns pontos que contribuam para clarificar quer o lugar de análise do texto, quer o conseqüente nó problemático que ele engendra.

Inês Figueiredo aborda a questão da diversidade e da diferença a partir de um estudo onde os alunos foram identificados com NEE, pelos seus professores de 1º Ciclo. Analisa criticamente as respostas e conceptualizações de políticas e práticas curriculares, particularmente o «planeamento educativo individualizado» aplicado a crianças com necessidades educativas especiais.

Susana Gonçalves defende o papel da arte, nas suas múltiplas formas, como um relevante recurso no processo de educação intercultural. Sustenta a ideia de que a arte, enquanto linguagem cognitiva e emocional, consegue atravessar fronteiras culturais, sintonizando culturas e identidades. Haja para tal «sensibilidade artística» e actualização do repertório de competências digitais dos professores.

Vieira da Silva propõe uma reflexão, na esteira de James Banks,

sobre os novos papéis que professores e formadores devem assumir, habilitando os seus alunos/formandos com a capacidade intercultural necessária para viverem num mundo fortemente marcado pela diversidade cultural.

Ana Sequeira, numa extensa entrevista a Luís Souta, procura, a partir da visão desse actor-pioneiro, historiar o processo da Educação Multi/Intercultural em Portugal, desde a criação das escolas superiores de educação.

Ficha curricular

Carlos Cardoso, Professor Coordenador da ESE do Instituto Politécnico de Lisboa. Autor do livro *Os Professores em Contexto de Diversidade*, 2006.

Luís Souta, Professor Coordenador do Departamento de CSP da ESE do Instituto Politécnico de Setúbal. Investigador no CIEF-IPS. Autor do livro *Multiculturalidade & Educação*, 1997.